

fundação josé saramago

mensal fevereiro

2020

blimunda

Catalunha

Levantado do chão

Editorial

LEVANTADO DO CHÃO, UM ROTEIRO

Leituras

SARA FIGUEIREDO COSTA

Estante

ANDREIA BRITES E SARA FIGUEIREDO COSTA

JULIÁN FUKS

RICARDO VIEL

**CATALUNHA NA
PÓVOA DE VARZIM**

SARA FIGUEIREDO COSTA

Volunturismo

ANDREA ZAMORANO

**REVISTA
DOIS PONTOS**

And the winner is... / Espelho Meu

ANDREIA BRITES

saramaguiana

LEVANTADO DO CHÃO

AGENDA

Epígrafe

JOSÉ SARAMAGO

blimunda n.º 92 fevereiro 2020

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

PROPRIETÁRIO

Fundação José Saramago

NIPC

508 209 307

SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO

Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser
reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation
Casa dos Bicos

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here

Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb Mon to Sat 10-18h 10 am to 6 pm



EDITORIAL

LEVANTADO DO CHÃO, UM ROTEIRO

«Andei por Lavre, Montemor-o-Novo, Escoural, por lugares de gente e descampados, passei dias inteiros ao ar livre, sozinho ou acompanhado de amigos, conversei com novos e velhos, sempre na mesma cisma: perguntar e ouvir», conta José Saramago numa entrevista concedida ao extinto *Diário de Lisboa* que a *Blimunda* recupera neste número. Em 1976, o escritor passou uma temporada no Alentejo em busca de histórias e pessoas para construir *Levantado do Chão*, romance que seria publicado em 1980.

Agora, quando passam 40 anos sobre essa data, uma iniciativa da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, que conta com as parcerias das Câmaras de Évora e Lisboa, além do Museu do Aljube e da Fundação José Saramago, permitirá que os leitores visite lugares e conheça paisagens e personagens que inspiraram o autor de *Levantado do Chão*.

Inaugurado no dia 22 de Fevereiro, o *Roteiro Literário Levantado do Chão* oferece várias possibilidades de sítios a serem visitados em Lisboa, Montemor-o-Novo, Évora, Santiago do

Escoural, São Cristóvão, São Geraldo, Ciborro e Lavre. São, no total, 26 pontos de interesse, devidamente contextualizados, espalhados por 238 km e divididos em percursos temáticos: Os Levantados Deste Chão, A Resistência e José Saramago em Monte Lavre.

Em breve, estará disponível o guia completo do roteiro. Além de mapas e excertos do romance, o documento traz testemunhos de homens e mulheres alentejanas que partilharam com José Saramago durante o processo de escrita do livro. Os interessados no percurso também receberão informações e apoio em postos turísticos das várias localidades envolvidas no roteiro.

Na entrevista já mencionada, José Saramago reivindica o estatuto de “obra aberta” para o *Levantado do Chão*: «Aberta ao leitor e também constantemente aberta pelo leitor, solicitado pelo próprio discurso ou decurso do texto a introduzir nele a sua própria memória e a sua própria imaginação», diz. A partir de agora, o leitor pode percorrer, com os seus próprios pés, essa obra aberta que é o *Levantado do Chão*.

SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS

GEORGE
STEINER



George Steiner em modo póstumo

He llegado a una edad en que cada día más o menos normal debe considerarse un valor añadido, un regalo que te da la vida. En esta fase los recuerdos del pasado se convierten en el único y verdadero futuro interior.

O crítico e ensaísta George Steiner morreu no início de fevereiro, deixando uma imensa lista de livros, artigos e documentação dispersa para uma posteridade que terá de contar com o seu pensamento se quiser compreender-se de modo competente. Soube-se, poucos dias depois da sua morte, que Steiner deixou também várias cartas nunca divulgadas, que deverão permanecer inéditas até 2050.

A revelação foi feita numa entrevista dada ao ensaísta italiano Nuccio Ordine, destinada à publicação póstuma, que pode ler-se no diário espanhol *El País*. Um excerto: «Pregunta: ***¿Cuál es el secreto más importante que quiere revelar en esta entrevista póstuma?***

Respuesta: Puedo decir que durante 36 años he dirigido a una interlocutora (su nombre debe continuar siendo secreto) cientos de cartas que representan mi “diario”, en

el que he contado la parte más representativa de mi vida y los eventos que han marcado mi cotidianidad. En esta correspondencia he hablado sobre los encuentros que he tenido, los viajes, los libros que he leído y escrito, las conferencias y también episodios normales y corrientes. Es un “diario compartido” con mi destinataria, en el que es posible encontrar incluso mis sentimientos más íntimos y mis reflexiones estéticas y políticas. Se conservará en Cambridge, en un archivo del Churchill College, junto con otras cartas y documentos que dan testimonio de las etapas de una vida quizá demasiado larga. Estas cartas-diario, en particular, se sellarán y solo podrán consultarse después de 2050, es decir, después de la muerte de mi esposa y (quizá) de mis hijos. En resumen, se harán públicas solo cuando muchas de las personas cercanas a mí ya no estén. ¿Las leerá alguien después de tanto tiempo? No lo sé. Pero no podía hacerlo de otra manera...

P: *¿Por qué una entrevista póstuma?*

R: Siempre me fascinó la idea. De algo que se hará público precisamente cuando yo ya no pueda leerlo en los periódicos. Un mensaje para los que se quedan y una manera de despedirme dejando que se oigan mis últimas palabras. Una ocasión para reflexionar y hacer balance. He llegado a una edad en que cada día más o menos normal debe considerarse un valor añadido, un regalo que te da la vida. En esta fase los recuerdos del pasado se convierten en el único y verdadero futuro interior. Es un viaje hacia atrás basado en el recuerdo lo que nos permite alimentar algunas esperanzas. No disponemos de las palabras exatas

para definir el recuerdo que encierra en sí el mañana. Me encuentro en un momento de mi vida en el que el pasado, los lugares que he frecuentado, las amistades que he tenido, la imposibilidad de ver a las personas que he amado y sigo amando y hasta la relación contigo, constituyen el horizonte de mi futuro más de lo que puede ser el futuro real.» ▶



A ameaça da desinformação

Se as pessoas abrem o seu Facebook e veem 20 posts sobre o Chega acham que esse é o tema do momento. Isto também distorce a importância dos assuntos.

O jornalista português Paulo Pena tem dedicado vários trabalhos de investigação ao mecanismo e impacto das *fake news* e da desinformação em Portugal.

Recentemente, publicou o livro *Fábrica de Mentiras: Viagem ao Mundo das Fake News* (edição da Objetiva), onde mostra como a desinformação é algo que se tornou banal e quotidiano, quase sempre apreendido como se se de verdadeira informação se tratasse. A revista *Meios & Publicidade* entrevistou o jornalista sobre esse tema, talvez um dos mais relevantes para a sobrevivência da democracia.

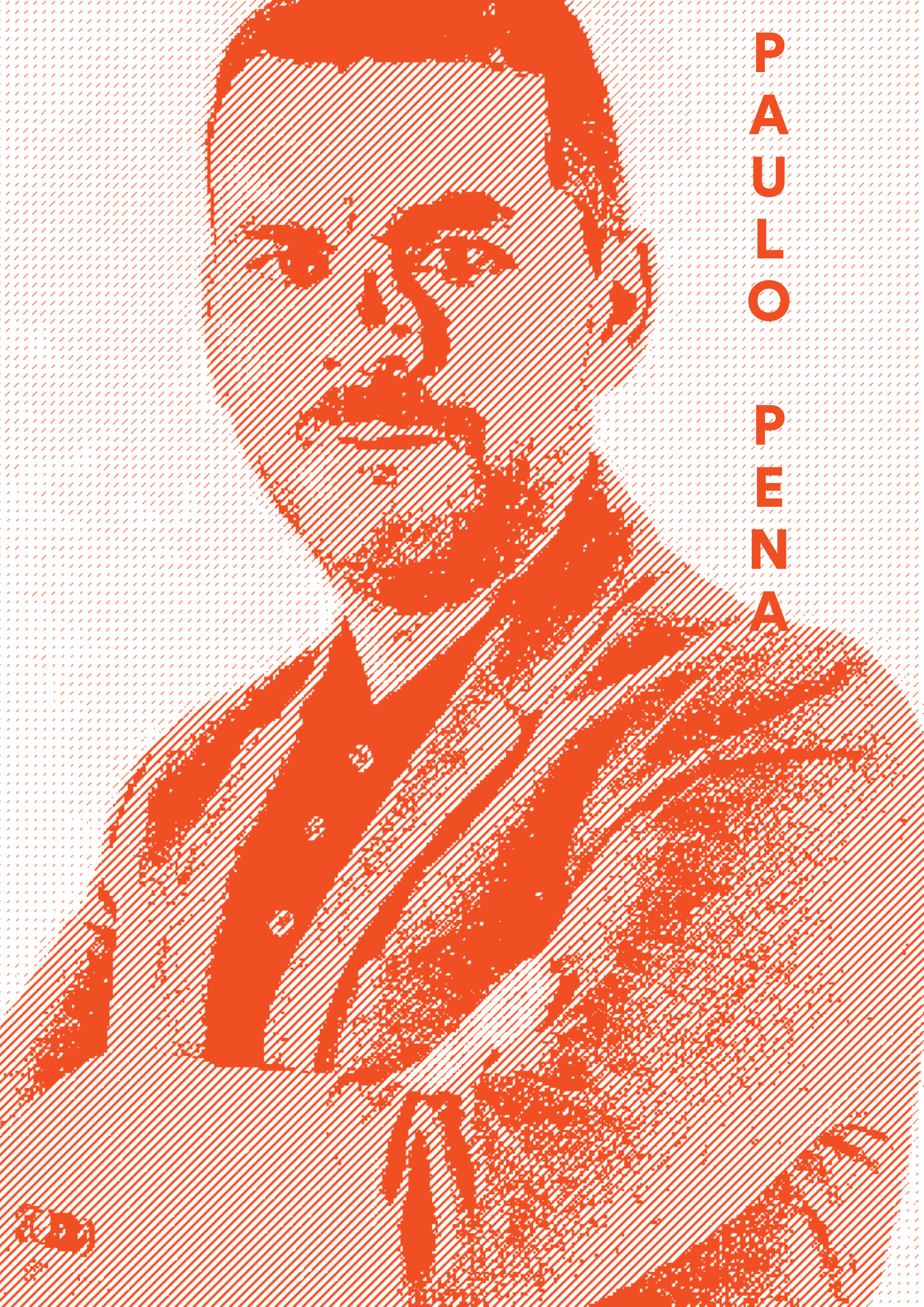
«M&P: A área de influência dos sites de desinformação é a da extrema-direita?»

PP: Isso já foi estudado pela Universidade de Oxford. A extrema-direita tem mais capacidade em aproveitar o alcance das redes sociais e das grandes plataformas. Basta ver como o Vox, partido recém-criado e sem base de apoio social, rapidamente se tornou no mais comentado nas redes sociais em Espanha. As pessoas diziam bem e mal, mas o facto de estarem sempre a falar dele, provocou uma ascensão na notoriedade. Isto também coloca as redações em cheque. Se as pessoas abrem o seu Facebook e veem 20 posts sobre o Chega acham que esse é o tema do momento. Isto também distorce a importância dos assuntos.

M&P: Os autores destes sites têm como objetivo a influência política ou querem é monetizar e ganhar milhares de euros por mês?

PP: É mais evidente a tentativa de ganhar dinheiro, embora em alguns casos seja notória a tentativa de ganhar dinheiro para financiar um projeto político. Estes sites são rentáveis porque facilmente duas pessoas conseguem criar 40 perfis numa rede social. Estes 40 perfis disseminam uma história qualquer por páginas e grupos no Facebook. Ao fim do dia, essa história chegou a milhares de pessoas. Com esses milhares de cliques os autores estão a receber o valor do contrato publicitário que o Google lhes paga. É um negócio muito rentável. Fizemos as contas a um destes sites, que nem sequer era

PAULO
PENNA



feito em Portugal, era feito por uma empresa de marketing do Canadá que tinha sites noutras línguas. Chama-se Vamos lá Portugal e, contas feitas por baixo, faturava em publicidade pelo menos 10 mil euros por mês. Uma ou duas pessoas devem trabalhar lá.» ▶



Renovar a literatura da cidade maravilhosa

Um bom começo é trocar a naftalina narrativa dos tempos idos pelas visões provocadoras, complexas e férteis de autores que não têm saudade do que não viveram e veem no presente infinitas possibilidades concretas.

Na revista brasileira *Quatro Cinco Um*, Paulo Roberto Pires assina um texto sobre a literatura dedicada ao Rio de Janeiro, propondo a necessidade da sua renovação, o abandono de estereótipos nostálgicos e há muito gastos, um novo olhar sobre a cidade mais conhecida do Brasil. «A decadência sem precedentes que o Rio vive hoje tem uma causa circunstancial e outra histórica. A primeira pode ser

atacada nas urnas, em outubro próximo, expulsando parte da extrema direita que desde 2016 devasta a cidade com incompetência e fundamentalismo religioso. A segunda é mais enraizada e talvez mais difícil de ser combatida. Um bom começo é trocar a naftalina narrativa dos tempos idos pelas visões provocadoras, complexas e férteis de autores que não têm saudade do que não viveram e veem no presente infinitas possibilidades concretas.» A reflexão prossegue num diálogo com os livros *Cidade porosa* (Objetiva), de Bruno Carvalho, e *O corpo encantado das ruas* (Civilização Brasileira), de Luiz Antonio Simas, percorrendo vários outros livros e discutindo o modo como a nostalgia de um passado perdido tem travado a criatividade literária e narrativa – e, por extensão, também política: «Hoje um vazio urbano deprimente, cortado por pistas de alta velocidade e adverso aos pedestres, a Cidade Nova começou a ser assim chamada no Império. Seu perímetro era balizado entre o Campo de Sant’Anna, ainda lá, de pé, e a Praça Onze, o chamado “berço do samba”, hoje nome de uma estação de metrô. Representava uma fronteira e uma passagem entre a Cidade Velha e os lados do campo de São Cristóvão, palácio secundário dos monarcas e hoje a ruína do Museu Nacional. Em suas ruas viveram afrodescendentes, imigrantes da Europa e do Brasil mais pobre, uma expressiva comunidade judaica, ciganos e deslocados de todas as latitudes e sentidos. Nelas o samba e o choro se depuraram e frutificou o meretrício mais célebre de sua

época, que inspirou Lasar Segall e Oswald de Andrade. Em torno delas, Orson Welles pensou e filmou parte de *It's all true* e criou-se a primeira favela. Na década de 1940, a região foi arrasada pela avenida Presidente Vargas, monumento maior ao fascismo tropical. Mas a cartografia aqui também é porosa e os mapas de hoje exsudam os de ontem.» ▶



Os sons do protesto em Hong Kong

É uma iniciativa que pretende documentar o presente a partir do som e disponibilizá-lo para usos secundários, como bandas ou fundos sonoros, ou simplesmente para a fruição direta. Entre as compilações mais recentes do projeto Free To Use Sounds encontra-se esta *Hong Kong Protest Sounds*, uma reunião de gravações feitas ao longo dos últimos meses em manifestações, assembleias populares, ocupações de edifícios públicos, vigílias e várias cargas policiais.



SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS

Passado contínuo



DEIXA-TE DE MENTIRAS

PHILIPPE BESSON

SEXTANTE

TRADUÇÃO DE JOSÉ LIMA

O romance que valeu a Philippe Besson o Prémio Maison de la Presse em 2017 chega agora a Portugal numa edição da Sextante. *Deixa-te de Mentiras* é a

história de um amor há muito perdido, mas é sobretudo a história desamparada e por vezes difícil de ordenar cronologicamente de como esse amor se imprimiu na memória do narrador, os vestígios que deixou intocados, o peso assombroso que continua a exercer tantos anos passados. O epicentro da narrativa remonta a 1984, quando o narrador conhece Thomas Andrieu no liceu e com ele inicia uma relação amorosa. Seria a história comum de uma paixão adolescente, não fosse a necessidade, imposta pela homofobia, de esconder essa relação de todas as outras pessoas. O narrador aceita essa necessidade, embora não a viva com o mesmo terror que o seu namorado, e a vivência clandestina desse primeiro amor acabará por se tornar a marca de água não só da relação, breve, mas igualmente da sua memória, que permanece viva muito tempo depois.

Anos mais tarde, a imagem viva de Thomas reentra abruptamente na vida do narrador, reabrindo velhas feridas, mas também relativizando um passado distante à luz do muito que aconteceu entretanto. O narrador é agora um homem resolvido perante si e os outros, sem esconder a sua sexualidade, sem o peso de uma vida clandestina que vai descobrindo ter sido a de Thomas Andrieu. O fio narrativo daquela paixão adolescente retoma-se, então, e talvez a força emocional que se imprime nesse retomar se deva ao facto de, na memória de quem narra, a história nunca se ter encerrado. Foi sempre presente e incompleta, um sortilégio que ilumina

as teorias quânticas sobre o tempo e a simultaneidade daquilo a que chamamos passado, presente e futuro, uma certeza de que a linguagem será o local mais adequado para testar esse desmoronar cronológico.

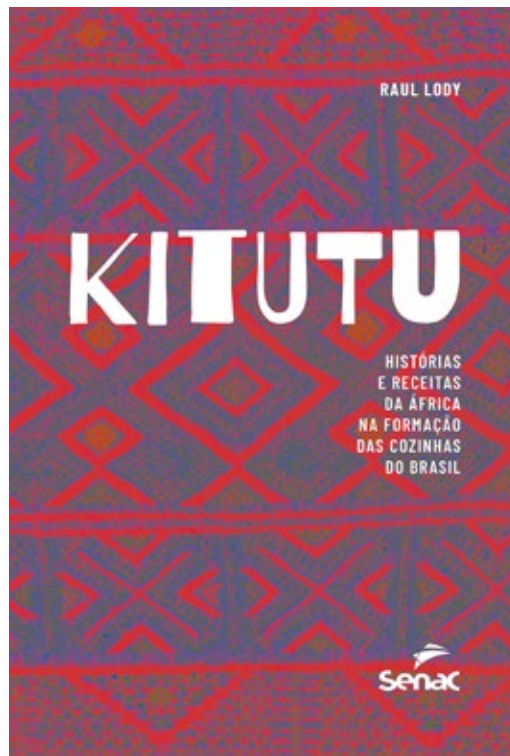
No profundo desequilíbrio que se vai revelando entre o impacto que a lembrança desse primeiro amor teve no narrador e em Thomas desvenda-se uma história contada em sucessivos *flashbacks*, numa escrita confessional, mais atenta aos desvios e deturpações da memória do que à necessidade de narrar o passado numa linha clara. E entre a ternura, o medo e a entrega, o que fica é a certeza dolorosa de que a mesma história teve nos seus dois protagonistas desenlaces muito diferentes, mais dependentes do futuro com que essa história se cruzou do que daquele passado que um dia foi presente partilhado. No fundo, a certeza maior é a de que nenhuma história se encerra no passado, por mais que a cronologia e os seus marcos perfeitamente organizados nos surjam como salvação para a desorganização perpétua do mundo.



ANDREIA
BRITES

SARA FIGUEIREDO
COSTA

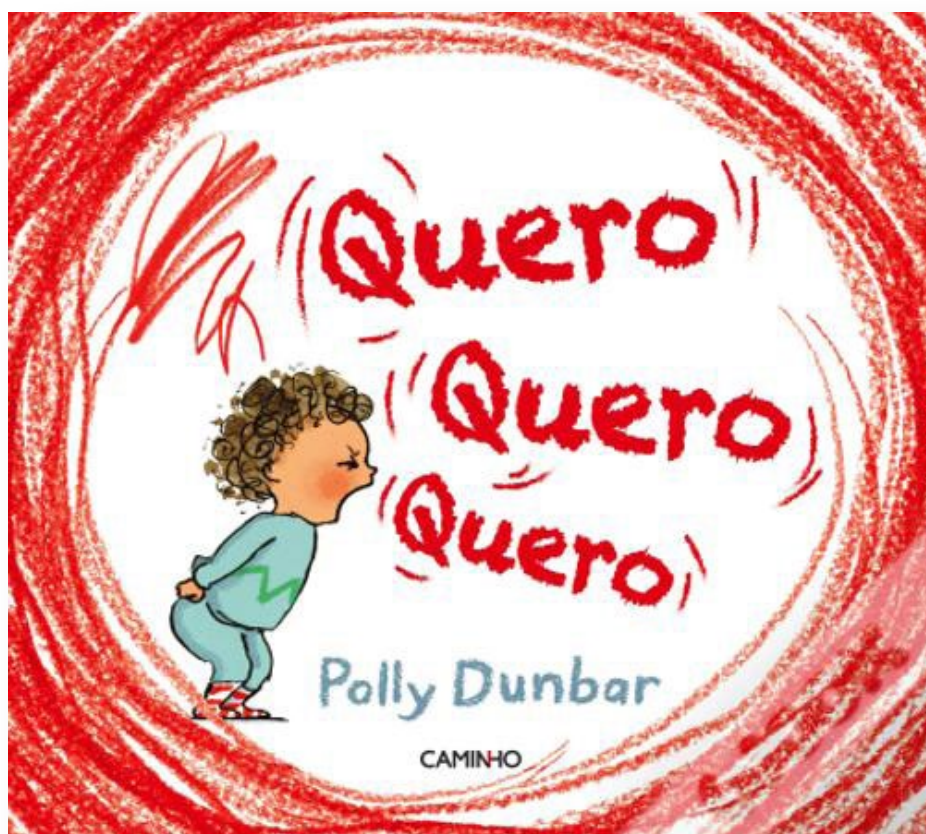
E S T A N
T E



***KITUTU: HISTÓRIAS E RECEITAS DA ÁFRICA
NA FORMAÇÃO DAS COZINHAS DO BRASIL***

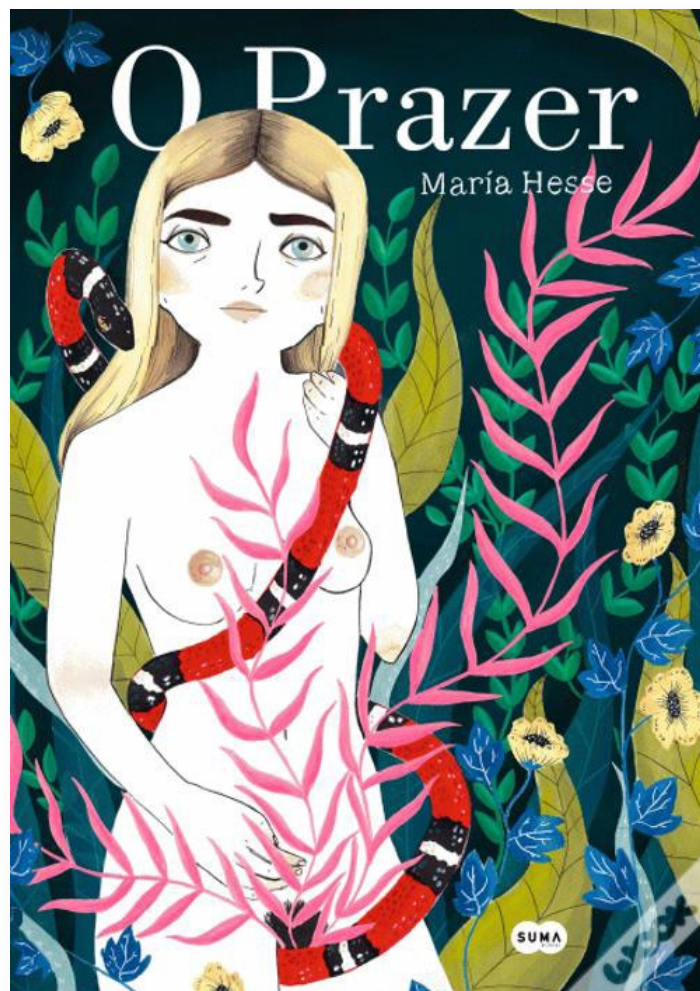
RAUL LODY
SENAC SP

Assinado por um antropólogo que tem dedicado parte da sua obra à investigação sobre a gastronomia brasileira e a sua profunda relação com a sociedade, a cultura e a história, este livro mergulha na influência da gastronomia africana no Brasil, não apenas a partir de geografias mais óbvias, que também estão presentes neste percurso, mas igualmente percorrendo a zona do Magrebe e a África oriental.



QUERO, QUERO, QUERO
POLLI DUNBAR
CAMINHO

Depois de *Pinguim*, que a Caminho editou na coleção Borboletas, chega agora este novo álbum da autora britânica. A frustração e a birra são os tópicos da narrativa, com especial enfoque para a estratégia da mãe. O vermelho, a presença do rasurado e as alterações tipográficas potenciam os gritos de alma da criança, protagonista desta história em verso.

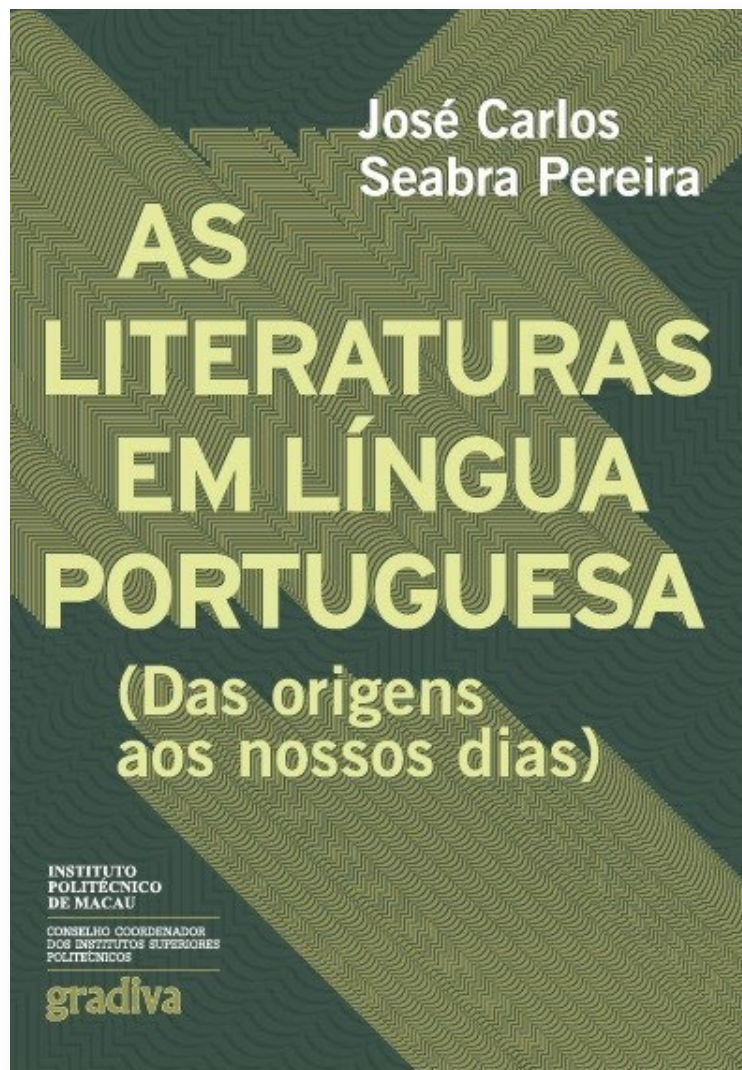


MARÍA HESSE

O PRAZER

SUMA DE LETRAS

Um percurso sobre o despertar da sexualidade – e sobre os mitos, culpas e fantasias associados ao prazer feminino – que se assume autobiográfico, acabando por ecoar as experiências, dúvidas e medos mitológicos de tantas mulheres. Entre palavras e imagens, a ilustradora espanhola coloca perguntas, desafia preconceitos e, sobretudo, afirma o corpo e a carne como ponto essencial daquilo a que chamamos identidade.



AS LITERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA
JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA
GRADIVA

Um percurso desde as origens pela literatura criada em português fora do espaço de Portugal, percorrendo os países africanos de língua oficial portuguesa, o Brasil, a Índia, Timor e Macau. Esta edição é feita em parceria com o Instituto Politécnico de Macau e o Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos.



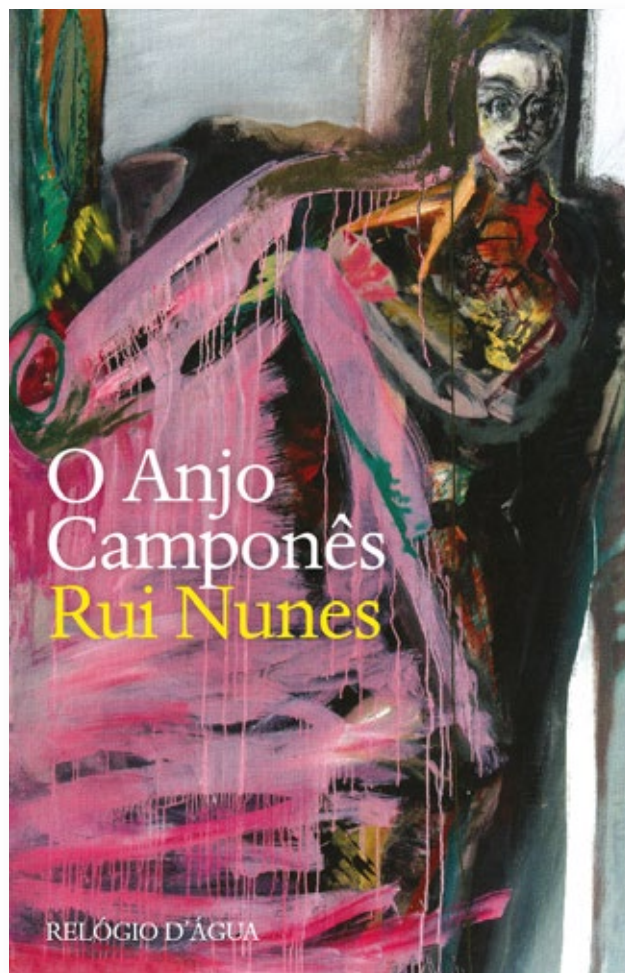
EU SOU LOBO, O REI DA FLORESTA PORTUGUESA

Ricardo Henriques

Susana Diniz, Pedro Semeano

INCM, Pato Lógico

Quem é este animal, por onde se move, o que o ameaça são algumas das questões que o leitor verá respondidas no texto. Depois de uma descrição da espécie, há que defender a preservação do animal que em nome próprio relata o episódio de um lobo apanhado numa armadilha. Como se salvou, quem o queria matar e quem o defendeu, isso só descobrimos quando lermos.

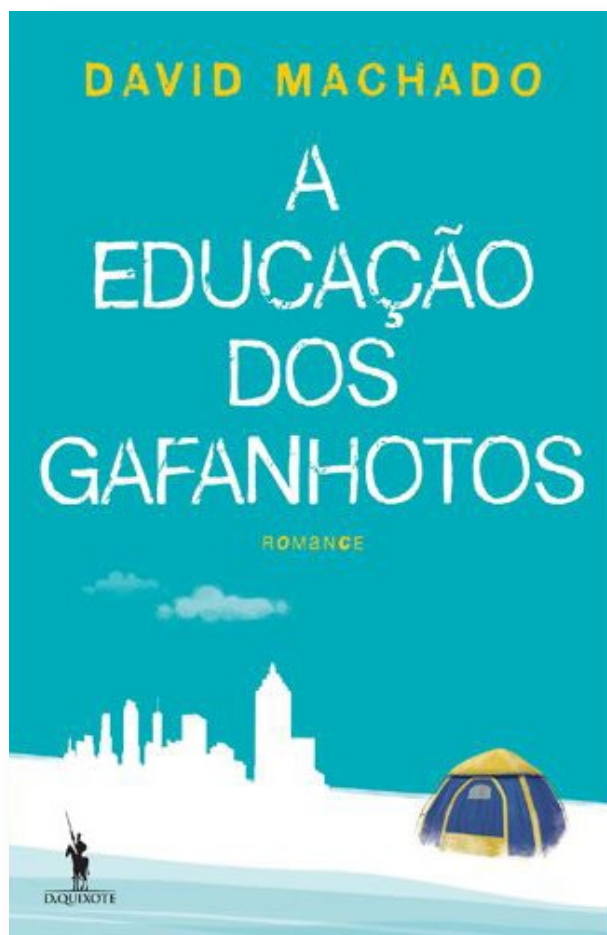


O ANJO CAMPONÊS

Rui Nunes

Relógio d'Água

Novo romance de Rui Nunes. Um excerto: «O anjo é sem enquanto, não o teve, não o tem, nem o terá. Sabe desde sempre o que chamavam ao filho de Hilde, chamavam-lhe tortulho, chamavam-lhe maricas, não tinha nome, e continua sem ele, morto, restituir-lhe-ão aquele que o batismo lhe deu: na cripta de Rosenheim, a omissão ficará reduzida a um traço entre duas datas. Envelheceu, o anjo.»

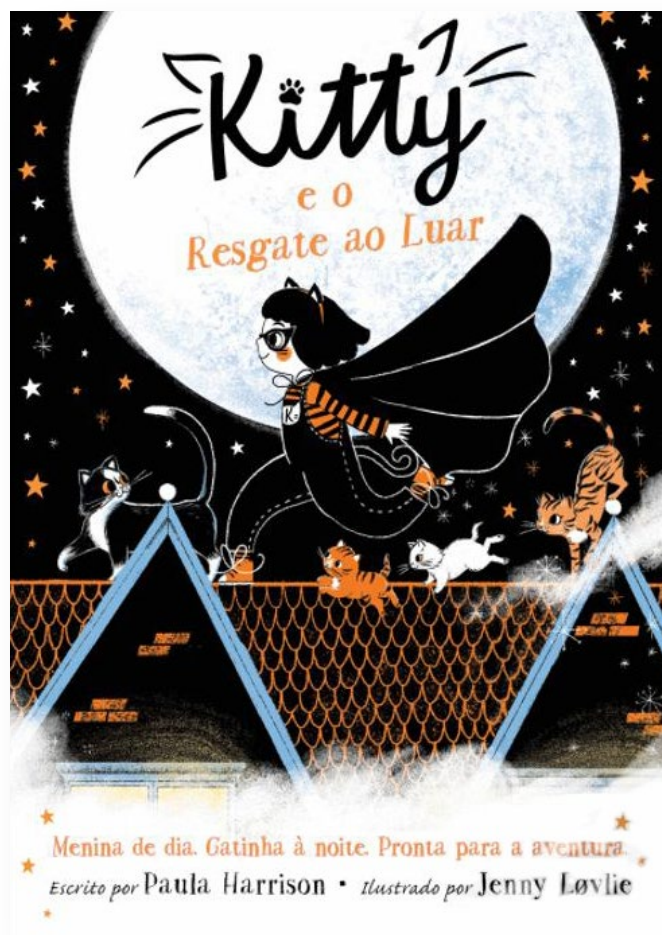


A EDUCAÇÃO DOS GAFANHOTOS

David Machado

Dom Quixote

O novo romance de David Machado relata a viagem de dois amigos pelos Estados Unidos da América, numa narrativa que cruza o sentido de aventura associado à juventude com os abalos, por vezes vindos do exterior – como o 11 de setembro, que aqui se inclui –, que vão definindo aquilo a que chamamos idade adulta.



KITTY E O RESGATE AO LUAR

Paula Harrison, Jenny Lovlie

Nuvem de Letras

Nova coleção infantil da Nuvem de Letras, neste primeiro título nasce uma super-heroína. Kitty, como bem manda a tradição literária, é compelida, contra a sua vontade e por sentido de dever, a ajudar um gato a descobrir que terrível som vem da torre da Igreja. É aqui que conhece os seus amigos felinos que a vão acompanhar em singelas aventuras nos volumes seguintes.

julián

**ricardo
viel**

fur—

**em
direção
aos
outros**

KS

**entre—
vista**

A black and white close-up portrait of a man with a full, dark beard and mustache. He has dark hair and is looking directly at the camera with a neutral expression. The lighting is soft, highlighting the texture of his beard and the contours of his face.

fulks

*Não há sangue
dos outros.
Em cada um
que sangra
todos nós
esvaímos.*

«Não há sangue dos outros. Em cada um que sangra todos nós esvaímos», lê-se na epígrafe de ***A ocupação***, romance de Julián Fuks publicado recentemente no Brasil – e previsto para chegar às livrarias portuguesas no mês de abril. A frase que serve como carta de navegação para embarcarmos no livro é de Mia Couto, que também tem um papel importante na construção da obra. O consagrado autor moçambicano foi uma espécie de mentor do brasileiro num programa artístico financiado por uma marca de relógios.

Se em *A resistência*, título com o qual venceu o Prémio José Saramago, Fuks tinha como proposta uma viagem interior e rumo ao passado, em busca das suas origens familiares, no seu novo livro o escritor vai em busca dos outros. O gatilho para essa caminhada deu-se quando o escritor visitou, a convite do MSTC (Movimento Sem Teto do Centro), um hotel abandonado em São Paulo que havia sido ocupado por pessoas em busca de moradia digna. A experiência do convívio com aquele grupo, assim como o cenário político do país, são retratados pelo escritor em sua obra.

A ocupação e A resistência têm o mesmo narrador, mas penso que há uma mudança de foco entre os dois livros que vai de um olhar mais íntimo para uma preocupação pelo coletivo. Você também passou por esse processo de dar mais atenção ao que está além das paredes de casa?

Considero, sim, que passei por uma espécie de processo expansivo de um eu em direção aos outros. O meu livro anterior a *A resistência*, que se chama *À procura de um romance*, era um romance sobre um escritor tentando escrever um romance, a metalinguagem totalmente incrustada ali, um livro muito mais narcisista, com certeza. *A resistência*, que continua centrado nessa mesma casa, na família, irmãos e pais desse sujeito, já é, em algum sentido, uma expansão, mas uma expansão que foi feita só até a metade. N' *A Ocupação* a proposta era, de facto, quase com em círculos concêntricos, chegar um pouco mais longe, chegar a esses outros que não me são tão íntimos, que não participam tão diretamente da minha vida quotidiana. E sem dúvida essa passagem é uma passagem em direção ao social, ao coletivo, porque há uma ideia de comunidade que existe fortemente nesses ambientes do movimento social. E isso, esse movimento meu, é algo que se deu de forma propositada, não tem nada de acaso nesse processo, foi pensado por mim e foi na tentativa, talvez, de explorar os limites do que eu podia escrever, tentando expandir esses limites. E me levou na direção deste livro.

E esse movimento tem mais a ver com o passar dos anos, como você estar mais velho, ou com o momento político do Brasil?

Talvez os dois elementos estejam presentes. Em certo sentido, já pude explorar aquilo de mais íntimo que precisei dizer num primeiro momento. Então me vi um pouco liberado de mim para falar de outras coisas. Mas o momento político que a gente vive no Brasil hoje também convoca, sem dúvida, uma produção literária mais consciente, mais incisiva, mais contundente que fale de facto sobre o nosso tempo.

E você vê mais diferenças entre esses dois romances?

Há um outro deslocamento que é a saída de um ambiente mais argentino e a chegada, finalmente, a São Paulo. Eu, que vivi praticamente a minha vida toda em São Paulo, não vinha escrevendo sobre a cidade até chegar n' *A Ocupação*. E de facto é uma passagem para o meu próprio país e para o meu próprio tempo.

No livro, sabemos da história daqueles moradores do prédio ocupado através do olhar do narrador. Escrever esse livro foi um exercício de empatia? Uma tentativa de compreender uma realidade distante?

Sem dúvida, escrever esse livro era uma tentativa de me aproximar do coletivo, do comunitário, do social. Aquele espaço da militância do movimento por moradia

era o lugar que me descentrava de mim, que rompia o individualismo que marca a sociedade em que vivemos, e me impelia em outra direção. Era, sem dúvida, a tentativa de um exercício de empatia, de ouvir os outros, de conseguir dar voz, conseguir encontrar essas vozes e refleti-las no próprio livro. E foi muito libertador. A noção de ocupação foi ganhando aos poucos esse sentido, a ideia de que essas outras vozes das pessoas com quem eu me cruzava tinham que ocupar o meu livro, tinham que tomar o meu próprio espaço, tomar as minhas próprias palavras, e que era assim que se constituiria uma narrativa que de fato conseguisse incluir o outro. Mas isso não se dá evidentemente de uma forma harmónica, esse tem sido desde sempre o desafio da literatura, a melhor maneira de contemplar o outro, a alteridade, encontrar palavras para personagens distantes de nós mesmos. Esse tem sido não só um desafio literário mas um desafio político, como exercer uma atuação política que seja também empática, que não seja em defesa de interesses próprios, que seja em defesa de interesses alheios que são, nesses casos, os mais justos?

Há uns dias li uma entrevista do João Cabral de Melo Neto em que ele dizia: o poeta ou outro escritor qualquer, de um país desenvolvido como o Brasil, não pode desprezar a realidade dolorosa que o cerca. E também dizia que o escritor não deve falar de

política, deve limitar-se ao social. Gostaria que você comentasse essas ideias e me dissesse se considera que a sua literatura é política.

Acho sempre complicados os imperativos quando se fala em literatura. O que um escritor deve ou não deve fazer, se é aceitável desprezar a realidade, escrever outra coisa, uma fantasia, uma literatura mais fabular? Enfim, acho bem complicado quando as coisas surgem como determinações taxativas. Ainda assim, sinto que é um tempo que convoca a uma literatura um pouco mais

***Tudo que é da
ordem do pessoal
participa da ordem
do político.***

política, sinto também que o João Cabral tem razão em dizer que um país como o Brasil nos convoca a um posicionamento, não permite em nenhum momento o conformismo e a aceitação de uma realidade tão desigual, tão extrema, tão tensa. Nada disso permitiria o sossego do escritor e o seu próprio fechamento nas suas mais mezinhas questões. Então, nesse sentido, concordo com a frase, embora não veja que isso deva se tornar uma

ordem. Quando ele determina que o escritor não deve falar de política mas do social, imagino o que ele queira dizer, mas prefiro conceber a palavra política de uma forma mais ampla, não reduzindo àquilo que a literatura não deveria tocar, uma política mais partidária, eleitoral – isso de facto, não sei se a literatura não deva tocar, mas na maioria das vezes ela tem pouco a contribuir. Mas se concebemos a política de uma forma mais ampla, com o seu fim maior, ou como define a Hannah Arendt: a política é o que acontece entre as pessoas, então me parece que seria absurdo desconsiderar a possibilidade de tocar a política pela literatura. Sinto que neste momento houve uma transformação no próprio conceito de político, muito devido ao Feminismo, com a concepção de que tudo que é da ordem do pessoal participa da ordem do político. Essa me parece uma sentença fundamental e que norteia boa parte da literatura feita contemporaneamente. E na situação que vivemos atualmente algo que se manifesta é que o político se fez pessoal, as pessoas têm vivido muito pessoalmente a marca da política, têm sido muito diretamente afetadas pelos acontecimentos políticos, em muitos lugares, simultaneamente, que se vão tornando cada vez mais agudos, sensíveis e indignos. Acho que este é um momento em que de facto quase nenhum discurso consegue manter-se à parte da política e com a literatura não teria que ser diferente.

Graças a uma bolsa, você conviveu e trabalhou com o Mia Couto enquanto escrevia o livro. Vocês são autores bastante diferentes em termos de prosa, universo criativo e vivências. O que significou para você esse espécie de tutoria que ele lhe deu? Até que ponto um trabalho tão solitário como escrever um livro pode ser compartilhado?

Desde o princípio os dois tínhamos plena consciência da diferença que nos marcava como escritores. De facto, não podia ser uma relação em que ele me transmitisse a visão dele de literatura e eu a assimilasse, havia diferenças de mais no nosso modo de escrever e de pensar que não permitiam tão diretamente essa relação mais vertical. Mas o Mia Couto é um sujeito de generosidade impressionante e também de uma extrema sensibilidade que consegue entrar também na lógica do outro, ter a paciência de compreender o que o outro está tentando fazer, e assim contribuir com a sua própria visão sem que ela se faça imperativa. Sinto que foi importantíssimo o trabalho que fiz com ele de concepção do livro. É claro que se preserva a solidão do autor no momento da escrita. De facto, o tempo de escrita do romance foi um tempo em que a gente cessou um pouco os contatos. Mas toda a discussão do que o livro poderia ou deveria ser foi feita em diálogo com ele, e isso foi um privilégio enorme. Parte do que ele fazia me interessava muito em literatura, essa

capacidade que ele tem de ouvir os outros, de dar voz aos outros, de encontrar vozes distantes dele próprio.

No final d'A ocupação há uma carta do Mia Couto para o narrador do livro. Nela, o moçambicano diz que “o mundo que nasce da tua escrita e dos teus livros é bem maior que as circunstâncias políticas que nos cercam”. Como você interpreta essa sentença?

É difícil eu me propor a interpretar justamente a passagem do livro que é escrita por um outro autor e que, portanto, escapa ao meu domínio. Ali sou tão leitor como qualquer outro leitor e só posso especular. Pelo contexto, penso que ele quer que a literatura seja maior do que a realidade mesquinha do nosso país, quer que os escritores não sejam tomados pela pequenez do nosso tempo, que isso não tolha as nossas capacidades imaginativas, que a literatura possa se produzir com máxima abrangência como voz de emancipação. Em resumo, defende que a mesquinhez do nosso tempo não deve reduzir o alcance do literário e as possibilidades de um escritor. Generosamente, ele avalia que o meu livro faria isso, expandiria esse alcance e se tornaria assim bem maior do que as circunstâncias políticas que nos cercam. Se isso acontece ou não, não sou eu que posso dizer. Simplesmente me orgulho muito dessa declaração do Mia e espero que ela seja verdadeira.

*sara
figueiredo
costa*

*caanta
lun—
ha*

*na
Póvoa
de
Varzim*

Catalunha

É antiga a relação profunda da Catalunha com a literatura. Quer recuemos à Idade Média que viu nascer o escritor Ramon Llull, a quem o instituto que se dedica à divulgação da língua e da cultura catalã pelo mundo foi buscar o nome, quer pensemos no Dia de Saint Jordi, feriado regional cuja celebração envolve a troca de rosas por livros, a cultura catalã tem as suas raízes profundamente ancoradas nos livros e na criação literária. A última edição das **Correntes d'Escritas**, festival literário que anualmente reúne, na Póvoa de Varzim, centenas de escritores das várias línguas ibéricas, teve a Catalunha como convidada de honra. Alguns autores catalães contemporâneos juntaram-se aos seus tradutores e editores e, com o público, trocaram ideias sobre a produção literária catalã.

Nas Correntes d'Escritas, nem só de Llull e Saint Jordi se alimentou a conversa, havendo espaço para uma exposição que percorria a história da literatura catalã e a sua divulgação em Portugal e para a presença de várias edições catalãs na livraria do festival. Foi, ainda assim, à volta de uma mesa de debate que se fez um balanço sobre a atual produção literária e a sua circulação, quer na Catalunha, quer em Espanha e no estrangeiro. Com moderação de Izaskun Arretxe, representante do Instituto Ramon Llull de Barcelona, os escritores Marta Orriols, Melcior Comes e Laia Malo e o tradutor Àlex Tarradellas destacaram a heterogeneidade

Marta Orriols



que caracteriza a edição catalã e a sua vitalidade, aparentemente contraditória com o facto de ser o catalão uma língua minoritária – ainda assim, falada por cerca de dez milhões de pessoas, entre falantes nativos e aqueles que a têm como segunda língua.

O mercado de Espanha nem sempre acolhe com facilidade a publicação de livros catalães, denunciou Melcior Comes: «É mais frequente um autor apresentar o seu trabalho na Alemanha ou em França do que em Madrid». Laia Malo, escritora e música, deixou claro que o carácter minoritário da sua língua materna não cria quaisquer impedimentos literários, mesmo que possa causar dificuldades no que diz respeito a questões

Catalunha

editoriais: «Em Espanha, perguntam-me porque não escrevo em castelhano, porque isso me permitiria vender mais livros, ter mais sucesso. Tenho uma banda e cantamos em catalão e quando viajamos para outros países ninguém nos pergunta porque não cantamos em castelhano ou inglês. Isso apenas acontece em Espanha...»

Apesar de algumas dificuldades fora da Catalunha, os livros escritos em catalão têm assegurada a circulação no espaço onde se fala esta língua, a faixa oriental da Península Ibérica que engloba a Catalunha, Valência, Ilhas Baleares e alguns territórios franceses e italianos. Fora desse espaço, traduz-se, nomeadamente para o castelhano. Diz a autora que lhe perguntam muitas vezes «se escrever a partir de uma periferia, de uma margem, influencia a poesia que escrevo, fazendo-a mais experimental ou mais radical. E talvez influencie, sim. Como dizia Maria Mercè Marçal, somos três vezes rebeldes, mulheres, catalãs e proletárias... Às vezes há quem ache que os catalães estão sempre muito zangados, mas não é isso, a verdade é que damos muita importância à literatura e pomos nela muita força, o que me parece uma coisa positiva.» Marta Orriols, de quem a *Dom Quixote* acaba de publicar em Portugal o romance *Aprender a Falar Com as Plantas*, partilhou duas experiências de tradução, concluindo que a importância do trabalho do tradutor é essencial, mesmo quando o

Meleior Comes



autor possa dominar as duas línguas, aquela em que escreve e aquela para onde se quer traduzir: «Quando escreves, não deixas de contar experiências que são únicas, mas que são também universais. O livro vai sair noutras línguas, nomeadamente em chinês, edição com a qual tenho muita curiosidade, porque são línguas tão diferentes... e aí o trabalho do tradutor é essencial e temos de confiar nele plenamente. Com o inglês, por exemplo, passou-se uma coisa muito bonita: consegui uma bolsa para me reunir com a tradutora norte-americana, nos Estados Unidos, e trabalhar questões particulares da tradução com ela. E é uma maravilha acompanhar

Catalunha

esse processo, ver os detalhes. Já a tradução do meu livro para castelhano, fui eu que fiz. O que descobri depois foi que as traduções para inglês ou português são muito mais fieis ao que escrevi, à personagem, do que a minha própria tradução, pelo que não creio que volte a traduzir textos meus para o castelhano.» A experiência de Melcior Comes ao ver o seu trabalho traduzido sublinhou, uma vez mais, a importância do ofício de tradutor: «Escrevi um romance muito ligado ao mundo de Mallorca e também a uma determinada indústria, que narra a história de uma família que se dedica à confecção de calçado, uma indústria com um peso familiar e histórico muito grande na região. O tradutor não entendia algumas palavras, porque eu tinha feito um trabalho exaustivo para encontrar a palavra exata para uma determinada peça de um sapato, uma ferramenta, uma máquina, e eram palavras muito específicas daquele ofício. Acabámos por trabalhar juntos para encontrar os correspondentes exatos em castelhano. E o tradutor alcançou aquilo que se esperava, ou seja, o livro voltou a definir-se, passou a ser outra coisa, sendo o mesmo, sendo fiel ao que escrevi.» Fechando a ronda sobre este tema, o tradutor Àlex Tarradellas insistiu na importância da tradução do ponto de vista do rigor, da recriação de um determinado universo a partir de uma outra forma de relação com o mundo – aquilo que um idioma acaba por ser –, mas sublinhou que nem sempre esse trabalho é feito com o tempo necessário: «Há casos em que não há muito tempo para

Laia Malo



estabelecer o diálogo desejável com o autor.» Quando esse tempo existe, o resultado é outro e há mesmo casos de escritores que prestam uma colaboração inestimável aos seus tradutores, «como o escritor Jesus Carrasco, que criou um blog especial com entradas sobre várias palavras, expressões e cenas, com uma password que dei aos tradutores, o que me pareceu excepcional, ajudando muitíssimo o nosso trabalho.»

Maria Mercè Marçal, escritora catalã falecida em 1998, foi referência constante nesta conversa, revelando-se a sua influência no trabalho dos escritores catalães presentes nas Correntes d'Escritas e suspeitando-se que essa influência é extensível a boa parte dos autores

Catalunha

contemporâneos que escrevem em catalão. A presença destes autores na Póvoa de Varzim integra um esforço mais amplo de divulgação do Instituto Ramon Llull, dedicado a dar a conhecer a literatura da Catalunha fora do seu território, nomeadamente em Portugal, como explicou Izaskun Arretxe. Esse conhecimento, no entanto, não é algo que comece agora a disseminar-se. Como explicou o editor português Manuel Alberto Valente, atualmente na Porto Editora, mas com um percurso profissional que passou pela Dom Quixote e pelas Edições Asa, pelo menos desde os anos 60 do século passado, com a antologia de poesia catalã feita por Manuel Seabra, que os escritores catalães vão tendo presença nas livrarias portuguesas. «O conhecimento dessa realidade da literatura catalã em Portugal é já antiga, claro que tem de se divulgar mais, mas para os portugueses mais atentos já sabemos há muito.» Ainda assim, há muito para descobrir entre a produção literária catalã mais antiga e, sobretudo, entre os escritores contemporâneos, cultores de géneros muito diversos e responsáveis por uma vitalidade editorial que se reflete num mercado onde convivem editoras comerciais com muitos pequenos projetos editoriais, sobretudo na área da poesia. Que essa vitalidade possa ter uma presença cada vez maior nas livrarias portuguesas é algo que podemos esperar – e acalantar – nos próximos anos.

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10
ANOS
YEARS
ANOS



Fundação
José Saramago





AMIGO DE
SARAMAGO
SEJA AMIGO DA
FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
E DESFRUTE
DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org

assine o
suplemento pernambuco

anual — R\$ 60
bianual — R\$ 100





CASA JOSÉ
SARAMAGO
ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS

A C a s a d a A n d r e a

VOLUN—

TURISMO

A n d r e a Z a m o r a n o

Paul abriu o mesmo site que os seus colegas de curso haviam utilizado no último período letivo, precisava apenas escolher a experiência que melhor se enquadraria com o seu resumé, "cavar poços artesanais", "cuidar de crianças num orfanato", "ensinar inglês", "ensinar música", "trabalhar num abrigo de animais abandonados" ou "colaborar em projetos de consciencialização ambiental".

Apesar de saber que não dispunha de qualificações para desempenhar quaisquer tarefas disponíveis na página da agência de turismo de voluntariado, era inconcebível terminar a licenciatura sem pelo menos duas semanas de solidariedade num país subdesenvolvido qualquer. "Cavar poços" pareceu-lhe, então, o menos complicado e que se apresentava com um quê de liderança e de demonstração de capacidade de trabalho em equipe. Assinalou a opção na página da agência, só faltava decidir para onde e quanto mais exótico o destino, na terminologia turística vigente, mais pontos somaria no currículo. Pagou o donativo pela sua participação e, no mesmo site, fez as reservas dos voos beneficiando dos descontos das taxas administrativas.

À chegada no local da aventura, na sede regional da empresa de turismo que organizava as experiências de voluntariado e que, em simultâneo, era um hostel, Paul confundia-se com as dezenas de outros jovens que lá se encontravam.

Aos poucos iam se aproximando os vendedores,

traziam frutas descascadas oferecidas numa bandeja, espetadas num palito de dentes, amostras como nas demonstrações de queijo nos supermercados finos a que estava habituado, logo ali ao lado uma barraca com as frutas em pedaços maiores ou inteiras onde era também possível fazer combinações de sumos naturais que se serviriam em verdadeiros copos reaproveitados, ex-embalagens de vidro de massa de tomate, de leite de coco e de garrafinhas de tempero, tudo reutilizado. Os vendedores se multiplicavam, não paravam de chegar, vinham de todo lado com as bolsinhas, os chinelos e as carteiras, produtos feito à mão de lixo reciclado. Os vendedores estavam autorizados pelos organizadores da iniciativa por representarem a cultura da região e por entregarem uma porcentagem da sua faturação a título de pagamento da taxa de ocupação do local.

As redes sociais de Paul iam se enchendo de fotos e mais fotos vívidas, paisagens exuberantes e selfies tiradas com toda a espécie de iguarias desconhecidas ou com a forma como os vendedores dispunham a sua mercadoria nas bancadas, não faltavam, também, as fotografias dos ambulantes que carregavam esse planeta e outro nos ombros, nos braços e nas cabeças, equilibrando as suas misérias naquele exercício diário de superação das leis da gravidade financeira.

Nas duas sessões formação on-line de trinta minutos que fez como preparação da viagem, Paul ficou a saber sobre a necessidade dos vistos, das vacinas e um pouco

sobre a história da terra, porém nada o havia preparado para a experiência imersiva que se seguiria àquela calorosa chegada. Parte do grande grupo de jovens não coube no hostel e Paul, junto com mais alguns, foram convidados a se hospedar em casas de familiares dos responsáveis da agência, proporcionando todo um outro nível de vivência. Paul dormia no quarto dos filhos da família, na cama de um deles que passou a pernoitar no mesmo cômodo numa esteira de palha no chão. Paul estava numa espécie de Airbnb mais verdadeiro.

Os voluntários não precisavam de se apresentar todos os dias da semana no hostel/sede da empresa e aproveitavam para visitar os pontos turísticos. No outros dias, eram divididos para que pudessem acompanhar as aulas de inglês ministradas por um professor e ajudar os alunos ou dar formação sobre a importância da separação do lixo ou participar numa partida de futebol com os residentes para incentivar o fair-play.

Paul fez um pouco de tudo o que estava descrito na ficha de candidatura à exceção de cavar poços. A opção passou a estar indisponível depois de protestos de ONGs locais que denunciaram o aproveitamento de empresas internacionais. Apesar de se esforçarem nem os jovens espadaúdos das classes abastadas pelo mundo nem a agência de viagem que os acompanhava dispunham de conhecimentos técnicos para a construção de poços que depois pudessem ser adequados para o uso da população. A atividade foi então retirada do programa. Ainda assim,

visitaram um orfanato fora dos limites da cidade onde puderam interagir e tirar mais fotos com criancinhas em situação de carência extrema.

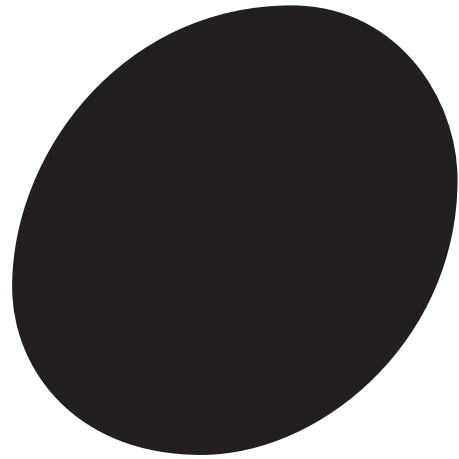
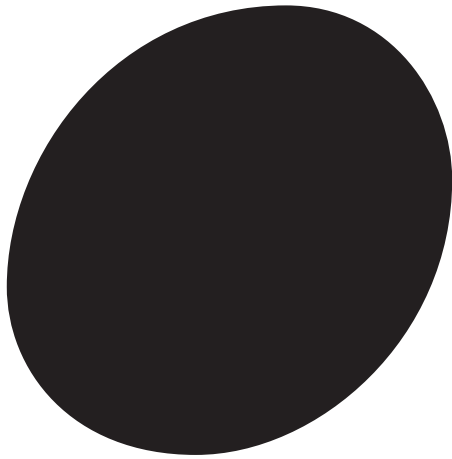
No regresso para a casa, Paul pensou que o seu gesto de se deslocar até aquele lugar teria valido o calor, o desconforto das dormidas, a pouca comida, os banhos que não tomou e as picadas dos insetos. Pela primeira vez vivenciou o sentimento de profunda caridade, um júbilo e misto de dever cumprido, era um certo orgulho que o preenchia. Quando estivesse nas entrevistas de emprego para as grandes corporações e lhe perguntassem sobre a experiência, os olhos de Paul se encheriam dessa felicidade genuína e ele admitiria que talvez tivessem sido as duas semanas mais incríveis da sua vida — sem mencionar a viagem de finalistas que fez logo em seguida com os amigos de curso para uma estância de neve nas montanhas de um país muito desenvolvido qualquer, uma semana de inteira de pura indulgência para compensar as privações a que esteve sujeito em prol do seu desenvolvimento humano e profissional, tudo com descontos das taxas administrativas.



Agora o Sócio Gerador
vem com o cartão para
a cultura portuguesa.

+ experiências
+ descontos
+ assinatura
Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador



dois
pontos:
cheguei
a revista
para
crianças

Dar um nome é decisão difícil. A primeira ideia foi *Parapeito* mas Ana e Sara deram-se conta de que o público não se iria rever no nome. *Dois Pontos* surge como vencedor entre três propostas. Democraticamente eleito por dois grupos de crianças foi rapidamente apropriado pelas criadoras da revista. A marca da enunciação serve bem o propósito de ter algo a dizer e cria a expectativa do que aí vem. Chegou em janeiro a revista *Dois Pontos*, para crianças dos sete aos onze.

A revista

São 64 páginas com texto e ilustração. Eram para ser menos. «Mas depois pensámos que queríamos um objeto colecionável, com várias áreas temáticas e que fosse explorado ao longo dos três meses que separam cada número. Por isso aumentámos o número de páginas e ficámos contentes com a decisão.», explica a editora.

A cada número, tema novo e novo ilustrador, os mesmos colaboradores fixos de texto. As rubricas são diversas e o discurso objetivo: ciência, emoções, culinária, banda-desenhada, tecnologia, política, artes plásticas, entrevista, testemunho, desafios plásticos e de escrita... Para o número de abertura Sara e Ana escolheram como tema a Diversão. No entanto não há nenhuma colagem didática ou programática dos artigos ao tema. De uma forma ou de outra, há vários exemplos de diversão: não é difícil imaginá-la na preparação da receita das trufas de cacau ou na história dos Caretos de Trás-os-Montes mas o que certamente criará uma empatia muito própria com o leitor

infantil é o artigo sobre os macacos do nariz. A eventual descoberta de que os crocodilos gostam de brincar também faz jus ao mote. Não desfazendo, evidentemente, da estética da artista plástica Yayoi Kusama, cuja obsessão por pontos cai que nem uma luva nesta publicação, nem tão pouco das inúmeras curiosidades científicas e desportivas que aqui se descrevem e explicam.

O estilo do discurso é bastante desassombrado, tendencialmente simples e com apontamentos de humor, interpelando directamente o leitor aqui e ali. João Behran assina grande parte dos textos e assegura um estilo coerente e escorreito. Esse equilíbrio, contudo, foi uma prova de fogo para Ana Lorena Ramalho e Sara Szerszunowicz: «Alguns colaboradores não estavam familiarizados com a escrita para crianças e no processo de edição tivemos de limar arestas, fazer propostas de alterações aqui e ali e foi muito mais intenso e demorado do que esperávamos inicialmente.»

Apesar de ainda não estar impressa, a revista de abril (com data de lançamento a 15) já está em marcha e os conteúdos começam a chegar. Agora surgem novas questões como a gestão do tempo com as crianças convidadas a participar: conjugar horários para trabalhar com elas na produção dos textos e das fotografias nem sempre é fácil. «É mesmo assim. Também vamos aprendendo com o tempo. Não conseguimos prever tudo.» O próximo tema será o Som e a ilustração ficará a cargo de Joana Estrela que também concluirá a sua banda-desenhada sobre os exoplanetas.



dois pontos



7 - 11 anos
01/2020



Número 1
€6

POSSO IR BRINCAR

A resposta é não. Mesmo que o crocodilo tenha acabado de almoçar, se fores tentar brincar com ele, o mais provável é que a sobremesa seja tu. Mas sabia que os crocodilos, quando não estão entre-dos a caçar antílopes e javalis, também gostam de se divertir uns com os outros?

Os cientistas descobriram, para grande surpresa de todos, que não são só os cães e os gatos que gostam de passar o dia a brincar. Além deles e de outros mamíferos (os golfinhos, os elefantes, os porcos, os humanos...), parece que também alguns répteis, pássaros, peixes e até alguns insetos aproveitam os tempos livres para andarem na galhofa. É o caso dos crocodilos, que fazem comidas, andam de escorrega e até jogam à bola! Que bichos simpáticos, não achas?

Mas não digas que não te avisámos: se vires um crocodilo, evita atirar-lhe um pau e gritar «BUSCA, CROQUIL!». Ele vai achar mais divertido correr atrás de ti e ferrar os seus mais de 60 dentes na tua perna tenrinha.



Os crocodilos aproveitam as doces e os troncos das margens dos rios para escorregar para a água. E voltam a subir e voltam a escorregar, uma e outra vez, até ficarem cansados - tal como nós fazemos na piscina!

Ninguém sabe se estavam a dançar ou a jogar à apanhada, mas o verdade é que já foram vistos crocodilos a nadar em círculos, uns atrás dos outros, sem razão aparente.

COM O CROCODILO?



Muito mais do que um devorador de carne crua, o crocodilo macho é também um ser vivo atencioso, carinhoso e prestável, que leva a sua companheira fêmea às cavilotas quando a esta não lhe apetece nadar.

Alguns crocodilos mais delicados gostam simplesmente de morder pequenas flores lilás que boiam ao lago e de andar com elas de um lado para o outro.

O crocodilo-de-água-salgada é o maior réptil do mundo: pode medir sete metros de nariz à ponta da cauda e pesar uma tonelada e meia. Mas é também o mais radical do mundo: já foi fotografado a apañar carreirinhos nas ondas da Austrália e a pregar valentes sustos aos surfistas.

Os crocodilos são considerados pelos cientistas os animais mais parecidos com os dinossauros - os seus ósseos mudam muito pouco nos últimos 200 milhões de anos. Imaginas o dinossauro a jogar à bola ou as velocípedas a brincar às escondidas? Escreva-nos um desenhinho ou um texto sobre o recreio dos dinossauros!

Tens espírito científico e precisas de ver para crer? Espanta-te conosco: vê fotografias de crocodilos em plena diversão. www.dasportos.com

O Cadáver Esquisito

O cadáver esquisito é um jogo que os teus pais, os teus avós, os teus irmãos e, provavelmente, os teus irmãos já jogavam. É um jogo muito antigo, mas nem por isso é antiquado! Como todos os melhores jogos, sobreviveu ao teste do tempo, e vai continuar a ser jogado enquanto houver um pai, uma avó e um grupo de amigos com muita imaginação. Prometemos-te horas de parvoíces e gargalhadas... com uma pitada de abstracção à mistura.

1. O primeiro jogador escreve um nome num papel e dobra-o, para esconder o que escreveu.

A frigideira

2. O segundo escreve um adjetivo ao lado da dobra, e dobra o papel outra vez.

tor ta

3. O terceiro faz o mesmo com um verbo.

qu er ia

4. O quarto com outro nome.

o sapato

5. E o quinto, finalmente, com outro adjetivo.

pega nento

6. A seguir desdobra-se a folha de papel. É esquisito, a frase? É engraçado, a situação ou o material? Tudo é possível!



UM BONECO ESQUISITO

Se preferires desenhá-lo, bem, os regras são as mesmas. O primeiro jogador desenha qualquer coisa no sentido da dobra e dobra o papel para ligar o desenho. O segundo tem de continuar a sua desenhinho a partir dessas pontas soltas, que não faz ideia do que são. E assim sucessivamente.

UM CONTO ESQUISITO

A seguir, experimenta escrever uma frase completa cada um. Quando dobrarem o papel para dar ao jogador do lado, devem inventar a última palavra que escreveram - mas apenas desta palavra! O outro jogador tem de continuar a história a partir daí. No fim, quando desdobram o papel, não terão ao uma frase, mas um audacioso conto!

Um cadáver australista

No início do século passado, mais precisamente durante os anos 20, um grupo de jovens parisienses e mais velhos de Paris até de madrugada para tentar descobrir a si mesmos as surpresas do mundo. Chamavam-se os "australistas", e inventavam histórias incrivelmente ridículas que nunca tinham sido contadas antes e que não conseguiram dar origem. Ora, foi-se descobrindo um pouco, inventaram um jogo: cada um escrevia um adjetivo e a vez, uma palavra (ou palavra) para desdobrar um nome, de acordo com o adjetivo, até ao fim do jogo. No fim, juntavam-se as palavras e tentavam descobrir qual era o nome. Era muito divertido e muito engraçado. Hoje em dia, os jogadores são os pais e os filhos. De vez em quando, também se jogam jogos de palavras para os pais e os filhos. Mas não se esqueçam de jogar também a vocês mesmos!



sur-
lata-
ndo
as
grandes
mede-
as fin-

Este jogo é muito divertido e pode ser jogado com qualquer número de jogadores. É muito engraçado e pode ser jogado em qualquer lugar. É muito divertido e pode ser jogado em qualquer lugar. É muito divertido e pode ser jogado em qualquer lugar.

A receção do público

O primeiro número da revista foi lançado em Janeiro, na Livraria Travessa, em Lisboa. Apesar de não ser pequeno, o espaço estava apinhado de adultos e crianças. Ana Lorena Ramalho, a editora de conteúdos, e Sara Szerszunowicz, diretora de arte, e fundadoras do projeto não se estenderam muito em explicações. Saía a revista que tinha demorado um ano e meio a fazer, desde o desejo inicial às provas tipográficas finais. A inspiração noutras revistas infantis estrangeiras atuais, a memória de suplementos e revistas na sua própria infância, a de Ana em Portugal e a de Sara na Polónia, a consciência de que nada de semelhante existiria no mercado português e a crença de que o público infantil e os seus mediadores adeririam ao projeto foram estímulos suficientes para levar o barco a bom porto. Do primeiro número, escolheram um jogo de construção de histórias através de um baralho e levaram-no para o tapete da livraria. As crianças jogaram e muitos pais ficaram na retaguarda, a assistir. Ana acompanhava os mais novos enquanto Sara oferecia a revista a todas as pessoas que tinham contribuído para o *crowdfunding* que permitiu ajudar a pagar a produção do número de estreia.

A angariação de fundos foi aliás um sucesso. Em duas semanas contavam já com metade da verba de que necessitavam o que alimentou ainda mais a expectativa de que o projecto poderia correr bem. Por isso imprimiram-se 1200 exemplares, mais 200 que nas próximas edições, para oferecer a quem tinha participado na coleta pública.

Passado pouco mais de um mês desde a colocação em banca Ana Lorena acredita que as vendas não estarão a correr mal. «Ainda não temos números porque é cedo mas as vendas através da nossa loja on-line estão a superar as expectativas. Também nas livrarias independentes, onde fazemos nós a distribuição, já houve reposições. Claro que falamos de poucos exemplares: cinco, oito, dez... Mas é um bom indicador. A distribuição nas cadeias livresiras entregámos à Orfeu Negro porque não temos estrutura para assegurar isso também. Neste momento a revista está na FNAC e na Almedina. Temos de esperar pelas devoluções para perceber com rigor mas neste momento a revista está quase esgotada. É ótimo!» Todavia, o balanço far-se-á no final do primeiro ano, quando se cumprir o primeiro ciclo de quatro publicações.

A participação dos leitores

As reações ao primeiro número da *Dois Pontos* aconteceram maioritariamente nas redes sociais com comentários e fotografias. Alguns desafios lançados na revista também tiveram resposta. «Uma mãe enviou-nos fotos do caleidoscópio que fez com o filho!», comenta Ana. E acrescenta que o site vai incluir uma galeria onde constarão todas as participações dos leitores, com textos ou fotografias das suas produções.

Essa relação direta com as crianças é para manter. Apesar de ainda não ser possível antes de sair o segundo número as

fundadoras da revista acreditam que só assim poderão aderir o que está bem e menos bem e continuar a refrescar ideias: «as histórias contadas na primeira pessoa, como aconteceu com o Jeremi neste número, foi sugestão de uma menina que disse que gostava de ler as vidas de outras crianças barradas pelas próprias». Por isso o plano é divulgar a revista junto de turmas, em bibliotecas, livrarias e outros espaços culturais promovendo oficinas em torno das propostas que se encontram no papel e outras que se relacionem.

Em paralelo, o site funcionará também como complemento de conteúdos, nomeadamente direccionados para os adultos mediadores. A psicóloga Inês Martins que escreve sobre emoções na revista, abordará o mesmo tópico num artigo para os adultos. Assim se espera que os três meses que medeiam cada número não representem um vazio entre a revista e os leitores e a comunidade envolvente.

As parcerias também têm de ser desenvolvidas de forma estratégica para ajudar à sustentabilidade do projecto. Poderão materializar-se em publicidade ou partilha de conteúdos como já acontece com o Plano Nacional de Leitura, de cuja responsabilidade são as sugestões de livros.

Em Abril chegará às bancas o 2º número e virá com a primavera. Ana e Sara desejam e acreditam que ocupará um lugar necessário e em falta: sem velhos do Restelo a pairar mas com atenção à necessidade de se viver e comunicar offline.

AND THE WINNER IS...

Bologna Ragazzi Awards

FICÇÃO

MEINE LIEBSTEN DINGE MÜSSEN MIT

Texto: Sepideh Sarihi

Ilustração: Julie Völk

Beltz & Gelberg, Alemanha, 2018

Uma narrativa sobre migração, perda e liberdade com texto de um escritor iraniano e ilustrações de uma ilustradora alemã.



NÃO FICÇÃO

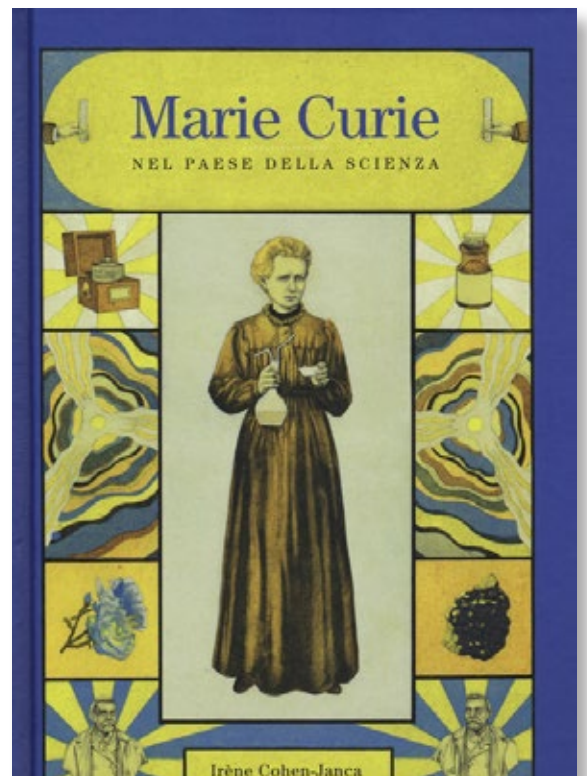
MARIE CURIE. NEL PAESE DELLA SCIENZA

Texto: Irène Cohen-Janca

Ilustração: Claudia Palmarucci

Orecchio Acerbo, Itália, 2019

Uma biografia da cientista precursora na investigação sobre a radioatividade que conjuga, segundo o juri do prémio, o rigor científico com uma componente surrealista captada através da ilustração.



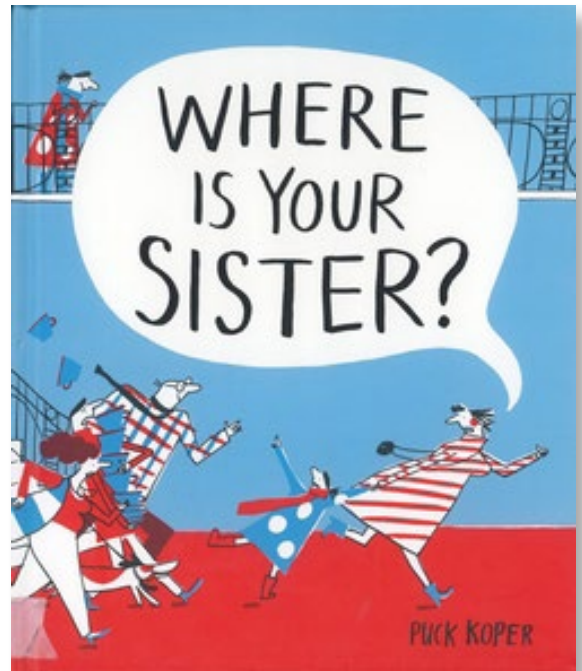
AND THE WINNER IS...

OPERA PRIMA (PRIMEIRA OBRA)

WHERE IS YOUR SISTER?

Texto e ilustração: Puck Koper
Two Hoots, Reino Unido, 2019

Partindo do momento de pânico em que uma criança se perde da mãe numa loja, este álbum convida o leitor a participar na busca através da exploração da ilustração.



NEW HORIZONS

LULLABY FOR GRANDMOTHER

Texto e ilustração Iwona Chmielewska
BIR Publishing, Coreia do Sul,
2019

Uma evocação biográfica da história da avó a partir dos pequenos objectos de costura que a acompanharam ao longo da vida.



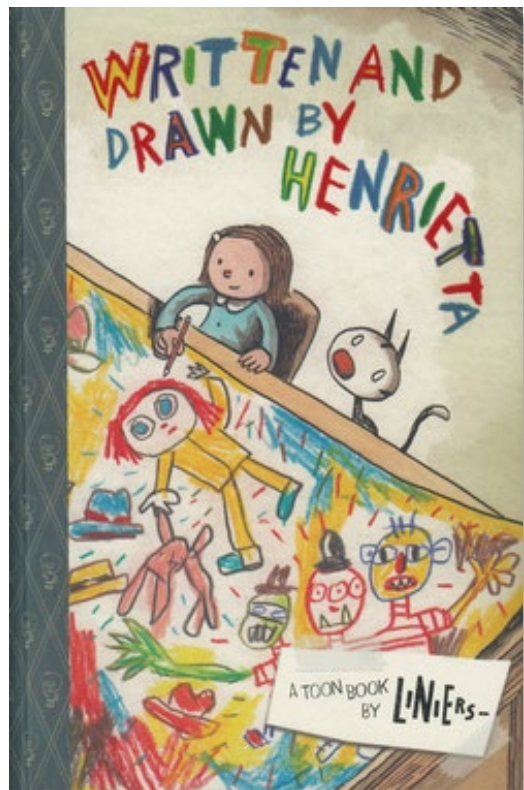
AND THE WINNER IS...

BANDA-DESENHADA
LEITORES INICIAIS

WRITTEN AND DRAWN BY HENRIETTA

Texto e arte: Liniers
Toon Books, EUA, 2015

Uma menina dá largas à imaginação depois de receber um estojo de lápis de cor

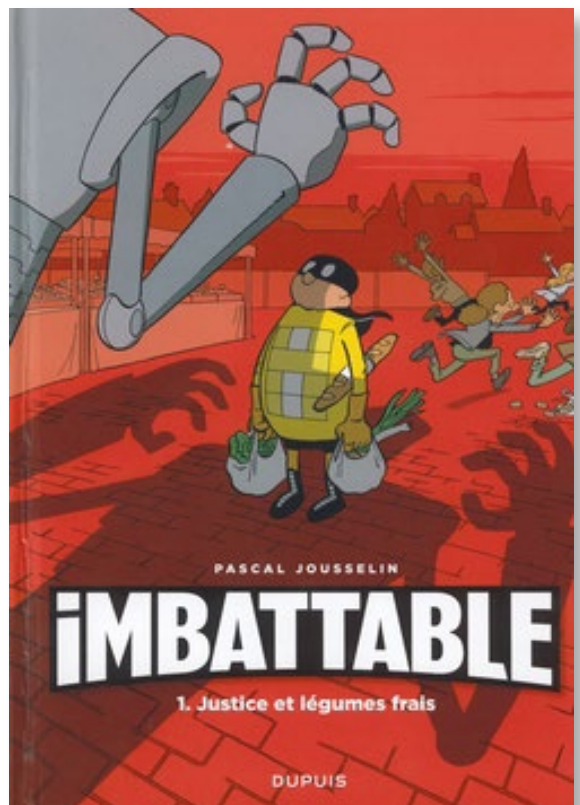


BANDA-DESENHADA,
JUVENIL

IMBATTABLE. JUSTICE ET LÉGUMES FRAIS

Texto e arte: Pascal Jusselin
Dupuis, Bélgica, 2017

Um super-herói cheio de poderes passeia-se pelas páginas deste livro vivendo aventuras várias e superando desafios.



AND THE WINNER IS...

**BANDA-DESENHADA,
JOVEM-ADULTO**

THE SHORT ELEGY

Texto e arte: Animo Chen
Locus Publishing, Taiwan, 2019

Várias histórias sobre a perda num livro poético de narrativas exclusivamente visuais.

**Livros distinguidos editados
em Portugal
CINEMA 2020, CATEGORIA
ESPECIAL**



Mvsevum

Texto: Javier Saez Castan and
Manuel Marsol
Ilustração: Manuel Marsol
Fulgencio Pimentel (Espanha),
Orfeu Negro (Portugal),
Orecchio Acerbo (Itália); 2019

Esta co-edição venceu na categoria especial de 2020, a de cinema. É uma narrativa visual que, através de planos gerais e direccionados vai criando mecanismos de suspense e incredulidade.



AND THE WINNER IS...

NÃO FICÇÃO, MENÇÃO

PLASTICUS MARITIMUS. UMA ESPÉCIE INVASORA

Texto: Ana Pêgo and Isabel
Minhós Martins

Ilustração: Bernardo P. Carvalho
Planeta Tangerina, Portugal, 2018

O guia de campo sobre a recolha do plástico que chega às praias vindo do oceano estende-se em informação sobre os seus malefícios, a sua composição e as acções de vários países na sua produção e combate.

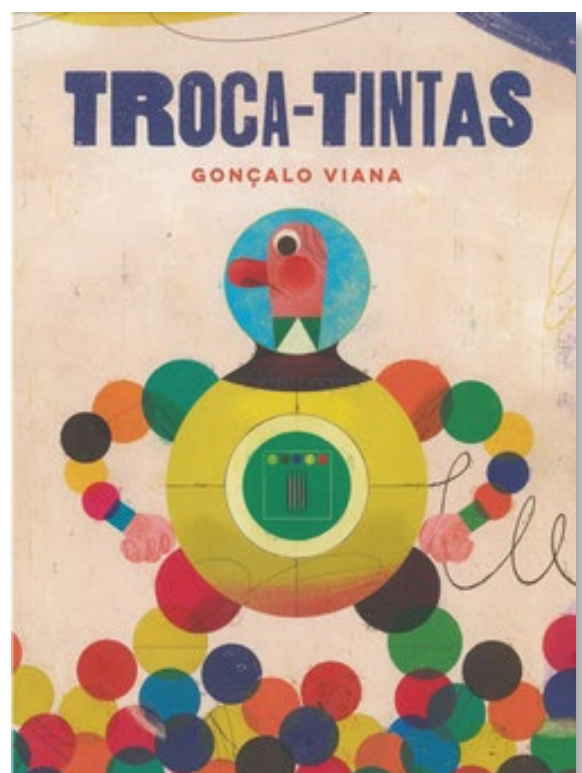


OPERA PRIMA, MENÇÃO

Troca-tintas

Texto e ilustração: Gonçalo Viana
Orfeu Negro

A exploração da cor como pretexto para ver o mundo de outra perspectiva e as formas vintage são duas das características distintivas deste primeiro álbum em que o ilustrador português assina o texto e a ilustração.



ESPELHO MEU

ANDREIA BRITES



Poucas letras, tanto mar

João Pedro Mésseder

Ana Biscaia

Xerefé

Não é um tema estranho ao poeta que há mais de uma década já havia publicado o *Breviário da Água* na Editorial Caminho. Os elementos naturais, as relações sinestésicas e as metáforas existenciais fazem parte de uma identidade que se reconhece em

Poucas letras, tanto mar. Todavia, e ao contrário da lógica escrupulosamente sintética dos seus recentes livros sob a égide das coisas, estes poemas oscilam em dimensão, em ritmo, em forma e em níveis de sentido. Não se espere sempre uma cadência harmoniosa, ou uma suspensão reflexiva, uma rima natural. Mas, ao invés, não se pense que desapareceram. Ao ler este livro onde cabe a lua, a espuma das ondas, as rochas, a areia, o vento, tubarões, polvos e carapaus, velas e traineiras, pescadores, faróis, conchas e sereias, o mar multiplica-se em funções, efeitos, imagens, sensações. Esta multiplicidade que Mésseder apresenta não se esgota então na observação ou na imersão subjectiva da voz poética no tema. Este tanto mar não se restringe ao mar de um olhar único, embora nunca se anunciem as vozes submersas nos textos. Estas *Poucas letras* recolhem outros poetas do mar, como Sophia de Mello Breyner, tanto quanto tradições orais, adaptações populares e variações. O sentido antológico dos textos chega ao leitor através desses corpos que se cruzam numa história longa como é a da palavra com o mar na literatura e na cultura portuguesa, seja ela erudita ou popular. Os medos, os sonhos, as batalhas e as aventuras não serão tão distintas, o que as faz diversas por vezes é essa forma mais ou menos hermética,

mais ou menos subjectiva, mais ou menos colectiva. E Mésseder consegue neste livro conferir-
-lhes a unidade de uma escrita pejada de metonímias e metáforas que se contagiam. Ana Biscaia tem um papel igualmente relevante na coesão do objecto estético: as manchas fluidas da aguarela reproduzem tons e acrescentam movimento ao mar e aos seus elementos, peixes, algas, conchas numa dança subtil de formas e contágios cromáticos. Azul e amarelo combinam com o preto que contorna e enforma a delicadeza da figura feminina num contexto onírico. As páginas aqui e ali exclusivamente dedicadas ao desenho e à pintura, sejam eles superfícies totalmente cobertas de azul, ou uma delicada barcaça vogando com um pescador no mar, padrões abstratos ou peixes a penetrar num coral, todas elas conferem uma força surpreendente ao texto, ampliando-o num novo quadro de sensações visuais que não representando a palavra a transfiguram. Para ler apelando ao som, ao olfato e ao tato, à sua memória real e imaginária.

O som das cores

Jimmy Liao



O som das cores

Jimmy Liao

Kalandraka

Uma rapariga de quinze anos perde completamente uma visão que se vem desvanecendo ao longo do tempo. Em resposta, aventura-se na cidade percorrendo estações de metro e caminhos que não reconhece. Só agora o pode fazer assim, recorrendo exclusivamente aos outros sentidos. Só agora pode sentir a angústia e a adrenalina do desconhecido. Perder-se para se encontrar e redesenhar o seu espaço. É uma história poética, também melancólica, angustiante

e esperançosa da cegueira, um testemunho ficcional escrito e ilustrado por alguém que vê. Jimmy Liao permanece fiel ao tema do auto-conhecimento e da solidão, com o movimento como contexto. Caminhar sem destino à procura de uma rota ou um regresso significa que o sujeito não será, no fim, o mesmo. Tudo o que o leitor vê, se conseguir ver, é uma experiência sua. As cores, as geometrias e padrões, os objectos e figuras que se cruzam com a jovem são um privilégio que o ilustrador nos concede, contra a impossibilidade da protagonista. Essa consciência agudiza ainda mais o sentido de singularidade da experiência, reiterada por um profundo sentido onírico que pode assim aproximar-nos de si.

Tudo é belo neste álbum, como acontece com todos os anteriores já editados em Portugal pela Kalandraka. A voz lúcida do autor pauta-se por uma cadência lenta, demorada nas poucas palavras e nas largas imagens plenas de minuciosos detalhes e um equilíbrio entre as proporções e a cor. Obriga-nos a uma diminuição drástica da velocidade leitora que deslumbra e fere como se de uma epifania dramática se tratasse.

Sarama
ma

*José
Saramago
e o Alentejo:
Um livro
“levantado
do chão”*

g
s
u
i

*Entrevista por
Ernesto Sampaio*

ma

Levantado do chão, assim se chama o último livro de José Saramago, recentemente lançado pela Editorial Caminho. «Do chão pode levantar-se um livro, como uma espiga de trigo ou uma flor brava. Ou uma ave. Ou uma bandeira» — explica o autor, que também nos diz que «um escritor é um homem como os outros: sonha. E o meu sonho foi o de poder dizer deste livro, quando o terminasse: Isto é o Alentejo».

José Saramago, escritor, poeta, jornalista: aí o temos na nossa frente, simples, claro, frontal, para quem escrever é aproximar-se da vida, evocar-lhe as suas altas situações, e para quem a literatura é sempre conhecimento, transformação, libertação.

Diário de Lisboa — O seu livro baseia-se na história de vida de três gerações de uma família de trabalhadores rurais do Alentejo. Como nasceu essa ideia?

Se o 25 de Novembro não fosse o padrasto que é, eu diria que este livro tem no 25 de Novembro a sua paternidade. A situação em que então me achei, sem emprego nem esperança de o conseguir, pôs diante de mim a grande questão: que é que eu vou fazer? Claro que a exigência imediata era o estômago e a conservação do tecto. Deitei mão ao costumado recurso dos intelectuais desempregados: a tradução. Fique dito, de passagem, que até hoje já lá vão cerca de dez mil páginas traduzidas. Mas você falava do livro,



perguntava como me veio a ideia... Se o pai é o 25 de Novembro, a mãe é o acaso. O meu primeiro movimento, isto no que toca a perspectivas de produção literária, tinha sido transportar-me para as terras ribatejanas onde nasci, levar a traduçãozinho em estaleiro (por sinal um volumoso tratado de psicologia) e tentar o livro campestre que eu andava a sentir necessidade de escrever. Motivos vários impediram a realização do projecto por aquelas bandas. Além disso, parecia-me errado ir cometer uma espécie de regresso ao ovo natal. Foi então que me ocorreu o contacto que estabelecera, em meados de 1975, com a UCP «Boa Esperança», de Lavre, por causa de uma entrega de livros para a biblioteca que eles andavam a organizar. Escrevi, perguntei se podia ir, como seria isso de comer e dormir, e se havia lugar onde trabalhar, um espaço para a máquina de escrever. Eles responderam: «Venha». E eu fui. Estive em Lavre, da primeira vez, dois meses, depois, por intervalos, umas tantas semanas mais, e quando de lá voltei trazia cerca de duas centenas de páginas com notas, casos, histórias, também alguma História, imagens e imaginações, episódios trágicos e burlescos, ou apenas do quotidiano banal, acontecimentos diversos, enfim, a safra que é sempre possível recolher quando nos pomos a perguntar e nos dispomos a ouvir, sobretudo se



não há pressa. Andei por Lavre, Montemor-o-Novo, Escoural, por lugares de gente e descampados, passei dias inteiros ao ar livre, sozinho ou acompanhado de amigos, conversei com novos e velhos, sempre na mesma cisma: perguntar e ouvir.

Quando um alentejano se decide a falar ninguém o cala

Por fim, já nem fazia perguntas. Quando um alentejano decide falar, ninguém o cala. Além disso, também há alentejanos que escrevem. Não serão muitos? Eu tive a sorte de encontrar um. Você pode imaginar o que é estar em conversa com um velho rural de 70 anos, digo eu, dizes tu, e de repente ele abre ali uma gaveta, tira uns poucos cadernos de papel almaço, escritos em letra garrafal e firme, creia que até os erros de ortografia eram firmes: «Está aqui a história da minha vida.» Foi isto que me aconteceu. Levei para ao meu buraco a história de João Domingos Serra contada pelo próprio, li-a nessa mesma noite, a tremer de comoção e frio (era Março), e quando acabei tinha, finalmente, a trave mestra do que viria a ser o *Levantado do Chão*. Aquela vida verdadeira era como uma fiada de pedras postas a atravessar a corrente torrencial de dados em que já me ia submergindo. Por cima de tal podia agora circular a minha vontade. Mas a vida, se reparamos bem, só é o que vidas forem. A esta de João Serra juntaram-se outras, a do Machado,



do Abelha, do Badalinho, do Catarro, do Cabecinha, da Mariana Amália, a de outro João, o João Basuga, meu amigo do coração, e tantos, tantos mais. Quem lhes quiser conhecer os nomes, falo dos que mais perto estiveram de mim, encontra-os na dedicatória do livro. também lá estão os nomes de dois mortos. Não há inconvenientes. Estes vivos e estes mortos fazem boa companhia uns aos outros. Enfim, se eu não tivesse, num dia daquele ardente Verão de 1975, levado livros a Lavre, não existiria este livro. Um espírito malicioso e facilmente hábil dirá que não há certeza de se ter ganho alguma coisa com isso. Ouso crer que não se perdeu.

Estão aí muitos livros por escrever

Pelo menos uma certeza eu ganhei: a de que estão aí muitos livros por escrever, de Norte a Sul, à espera. Eu fui a Lavre, concelho de Montemor-o-novo, e escrevi um. Não inventei nada, claro está, ao viajar até ao Alentejo. O que eu fiz, outros o fizeram antes de mim, nesse e outros lugares. Honra lhes seja feita. O meu receio é que poucos estejam dispostos a fazê-lo agora, quando mais necessário é.

Levantado do chão fala de gente real, utiliza testemunhos vivos, mas não é propriamente jornalismo. É literatura de elevada expressão poética. Fala-me dos problemas formais que teve de enfrentar para transformar a vida, que é o suporta



da sua narrativa, no objecto estético em que o livro acaba por se transformar.

Boa pergunta, já lhe disse que quando regresssei de Lavre trazia comigo uma montanha de apontamentos, notas, registos vários, gravações, documentos. Bastaria arrumar um pouco, sistematizar um pouco, limpar o supérfluo, acrescentar o comentário, aliteratar onde fosse conveniente, afinar o tom. Porém, não foi assim. Quando decidi instalar-me em Lavre, não era essa a intenção que levava. O que eu queria era escrever um romance, não uma reportagem, por mais útil e exemplar que ela pudesse ser, como tantas que felizmente têm vindo a ser escritas, algumas delas excelentes materiais para futuras obras. Mas a decisão de escrever um romance também não era pacífica. Um romance, sim senhor, mas que romance? Modelos, se eu os quisesse tomar, não me faltavam, e ilustres. Muita gente escreveu sobre o Alentejo, alguns escreveram certo e bem. E ainda escrevem. Para mim, poderia ser fácil e fazer-me beneficiar de uma certa e bem humorada condescendência. Assentar os pés nas pegadas marcadas pelos colegas e já aprovadas pela crítica, seguir o itinerário, deixar-me ir. Ficava a história contada, o livro rematado, a obrigação cumprida sem excessivos riscos. Também isso não quis fazer. Mas, se sabia claramente o que não queria, tive de esperar que viesse a mim o que fosse meu. Estive



em Lavre em 1976, o livro aparece em 1980, quatro anos depois. É certo que entretanto concluí outro romance, escrevi um livro de contos e uma peça de teatro, mas essencialmente, o que eu estive foi à espera de que terminasse o trabalho de germinação que sabia estar a fazer-se. Posso garantir-lhe, com toda a simplicidade e sem disso me gabar, que não tive de resolver quaisquer problemas formais, no sentido que a palavra «resolver» contenha de esforço, tentativa, rectificação, ajuste, pesquisa. Limitei-me a ter paciência, a não forçar o tempo. O livro foi escrito, por assim dizer, em dois períodos: o primeiro de dois dias, para as quatro páginas iniciais; o segundo de alguns meses, para o resto. Entre esses dois períodos tão desiguais, decorreu muito tempo.

«Só poderia escrever o livro se o contasse»

Até que um dia compreendi (foi uma coisa súbita de que mal tenho memória) que só poderia escrever o livro se o contasse, isto é, transformando-me eu me narrador multiplicado, de fora de dentro, próximo e distanciado, grave e irónico, terno e brutal, ingénuo e experiente, um narrador que ao dizer a realidade, e para a dizer, fosse capaz de a inventar em cada momento. Percebi que isto só poderia ser feito se



reconstituísse a oralidade na escrita, se fizesse da escrita discurso no sentido próprio, mas rejeitando sem piedade qualquer tentação de transcrição fonética, que é a pior das armadilhas. Sacrifiquei sem nenhum remorso o pitoresco, a cor local, o folclore. Com isto tudo, não tive de empurrar nenhuma porta, foi ela que se abriu quando me aproximei pelo caminho certo. A partir daí foi fácil.

Diria que escrevi este livro com espírito liberto, com a espontaneidade do narrador que se abandona à imaginação e às arcas da memória para tornar diferente as histórias que ouviu, por saber, ou ser sua pessoal convicção, que a diferença é justamente o melhor que a história contém, ou virá a conter, se alguma vez mais vier a ser contada, por mim, por você, pelo leitor. Quer saber como eu me imagino? Imagino-me a contar este «Levantado do Chão» a um grupo de pessoas, lá no Alentejo, ou aqui em Lisboa, ou em qualquer outro lugar, a contar em voz alta, voltando atrás quando me apetecesse, metendo pelo meio coisas da sabedoria popular, ditados, alusões directas ou indirectas a casos marginais, questões de famílias, boas ou más vizinhanças, e se entre essas pessoas houver analfabetos, essa será a grande prova, é maior dever do narrador contar e bem claro. Amanhã, noutro lugar, contaria a mesma história, mas diferente, sempre diferente, outros ditos, outras voltas, outros caminhos. Haveria de ter sua graça



experimental, mas, não podendo ser, aí fica o livro em sua forma de livro e aparente invariabilidade.

Obra aberta

Aqui há anos falou-se muito em obra aberta. Hoje vai-se dizendo o mesmo, mas com outro vocabulário. Ora, eu, que sou partidário da obra conclusa, no sentido inteiro levado ao extremo (mas existirá tal obra?), descubro-me hoje a reivindicar para este «Levantado do Chão» um estatuto de obra aberta. Aberta ao leitor e também constantemente aberta pelo leitor, solicitado pelo próprio discurso ou decurso do texto a introduzir nele a sua própria memória e a sua própria imaginação. Tanto mais que eu o preveni logo no princípio: «Mas tudo isto pode ser contado doutra maneira». Aqui tem o que o autor pensa, não de problemas formais que não teve, mas de questões formais que crê serem suscitadas por este livro. Fico curioso de saber o que pensa a crítica. E mais curioso ainda de saber o que pensam os leitores. Mas onde está a comunicação entre o escritor e o leitor?

DL – O que foi, é e será para si o Alentejo, o homem alentejano?

Do que o Alentejo foi, creio que o meu livro dará uma ideia. Do que ele é, também este livro saberá dizer alguma coisa. Por exemplo, a repressão



*ILUSTRAÇÕES DE
MANUEL RIBEIRO
DE PAVIA*

violenta, que em nada se distingue dos tempo do fascismo: exprime o mesmo ódio ao trabalhador agrícola. Quanto ao que o Alentejo será, não tenho dúvidas. Será uma terra de mulheres e de homens donos da sua vida. Quando? Isso não se dizer. Mas sei que gostaria de ainda poder ver no nosso País a fraternidade de trabalhadores que encontrei junto dos meus amigos do Alentejo. O que ali está em gestação é, em sentido literal, um homem português novo.

E a reacção sabe-o. Sabe e teme. Por isso é que são os insultos, os vexames, as agressões e as mortes. É o mundo velho a querer estrangular o mundo novo. No meio de tudo isto, que vem fazer o meu livro?

Hoje é um testemunho. Amanhã, faço votos por que seja um simples artefacto arqueológico, fora de uso, ou, quando muito, e não será pouco, um registo para a memória colectiva. Há-de ser possível dizer um dia: «Pensarmos nós que a vida no Alentejo foi assim...». É claro que não posso deixar de exprimir, um outro voto, mais egoísta: que mesmo nessa altura, graças a algum valor literário que hoje tenha e então conserve, ainda o *Levantado do Chão* seja lido.

Que boas estrelas estarão cobrindo
os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosaramago.com



fevereiro



Até 14 março

Aidan Koch – El Color de la Selva

Trabalhos em aguarela e desenho, da banda desenhada à ilustração, da artista norte-americana. Lisboa, Tinta nos Nervos. ▶

Até 15 março

Napoleão ou o Complexo de Épico

Espetáculo que parte da figura histórica de Napoleão Bonaparte para uma reflexão sobre o poder e a natureza humana, debatendo questões políticas e sociais intemporais. Lisboa, Chapitô. ▶





Até 31 março
O Dia em Que a Terra
Se Fez Mar

Exposição de fotografias de Tiago Miranda e textos de Raquel Moleiro realizados após reportagem na cidade moçambicana da Beira, no seguimento do ciclone Idai, que destruiu a região. Tondela, Galeria ACERT. ▶

Até 16 abril

Womanart

Segunda edição de um ciclo de cinema dedicado às mulheres e à sua presença na arte, este ano dedicado ao tema “mulheres, artes e ditadura”. Braga, Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva. ▶



Até 3 maio

Gameplay – Cultura del videojoc

Uma exposição interativa dedicada aos vídeo-jogos, à sua influência social e cultural e às relações que estabelecem com várias linguagens artísticas. Barcelona, Centre de Cultura Contemporània. ▶



Até 24 maio
Rembrandt y el retrato
en Ámsterdam,
1590-1670

Pela primeira vez em Espanha, apresenta-se uma exposição centrada no trabalho de Rembrandt como retratista, mostrando um dos géneros em que o pintor alcançou a expressão máxima. Madrid, Museo Thyssen-Bornemisza. ▶

Até 21 junho

Arthur Jafa

Exposição de trabalhos que o conhecido realizador de cinema e diretor de fotografia vem realizando enquanto artista visual ao longo das últimas duas décadas. Porto, Museu de Serralves. ▶

Até 25 setembro

Irmãos Campana 35

Revoluções

Retrospectiva, que inclui algumas obras nunca antes exibidas, do trabalho plástico dos dois irmãos que trabalham juntos há 35 anos. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna. ▶



7 março

Øcre

Concerto de apresentação do álbum homónimo de Filipe Raposo, primeira parte de uma trilogia de discos, que parte da reflexão artística sobre o sistema ternário de cores – vermelho, preto e branco. Viseu, Teatro Viriato. ▶





LIVRARIA TIGRE DE PAPEL

16 a 22 março
Abecedário – Festival
da Palavra

Um festival que promove as livrarias de rua e a palavra, escrita, dita e cantada, este ano homenageando o fado. Lisboa, vários locais. ►

Mas esta criança, palavra só por comodidade usada, pois no latifúndio não se ordenam assim as populações em modo de prever-se e respeitar-se tal categoria, tudo são vivos e basta, que os mortos é só enterrá-los, não é possível fazer trabalhar os mortos, esta criança é apenas uma entre milheiros, todas iguais, todas sofredoras, todas ignorantes do mal que fizeram para merecerem tal castigo.

«Levantado do Chão»